

DIALOGISMO E CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL EM REPORTAGENS DA REVISTA *SUPERINTERESSANTE*

Carolina Cristovão de MACEDO*
Sheila Vieira de Camargo GRILLO**

- **RESUMO:** Este artigo investiga a influência das características do hipertexto digital sobre os textos impressos, observando o papel do leitor presumido nessa relação e as novas formas de leitura com base na teoria dialógica do Círculo de Bakhtin. Para responder aos problemas propostos, foi empreendida a análise de seis reportagens de divulgação científica da Revista *Superinteressante*, sendo três anteriores à grande disseminação da internet, em 1995, e três recentes. Pôde-se observar a ocorrência de uma composição hipertextual nas reportagens mais recentes, e que as possibilidades de leituras oferecidas pelos textos buscavam tornar o leitor mais participativo, de forma a evidenciar a dimensão dialógica defendida pelo Círculo. Alguns desses recursos já se mostravam de forma embrionária nas reportagens das edições mais antigas. Recursos comumente associados à internet foram possibilitados nas revistas impressas pelo contato mais recorrente dos leitores presumidos (geralmente jovens) com o meio digital. Esses recursos foram observados, sobretudo, no uso de três tipos de *boxes*: adicionais, complementares e conclusivos.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Dialogismo. Hipertexto. Divulgação científica. Construção Composicional. Análise do discurso.

Introdução

O meio digital é hoje uma das maiores fontes de informação existentes e presença marcante na vida de grande parte da população mundial. A sua popularização deve-se, em grande parte, a um dos fatores que diferencia a internet de qualquer outro meio de comunicação: a possibilidade de realizar associações rápidas entre um e outro texto, isto é, desviar uma leitura para muitas outras através de *links* ou nexos. A essa rede de livres conexões e, conseqüentemente, de leituras não lineares, chamamos “hipertexto”.

* USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – gri_carol@yahoo.com.br.

** USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – sheilagrillo@uol.com.br.

Uma construção composicional relacionada a essas conexões vem sendo reproduzida nas reportagens impressas da revista *Superinteressante* com uma presença cada vez mais evidente, de modo que fica clara a influência estrutural dos novos meios tecnológicos no outro tradicional impresso. Bakhtin (2003), em seu texto “Os gêneros do discurso”, enumera a “construção composicional” como um dos fatores primordiais no reconhecimento de um gênero ao lado do estilo e do conteúdo temático. Propomos, neste artigo, a investigação das características “hiperestruturais” que são importadas pela revista mensal impressa em um gênero consagrado da mídia, a reportagem.

A abordagem da construção composicional da reportagem será empreendida à luz do princípio bakhtiniano de que todo enunciado é dialógico. Nessa direção, um texto escrito é uma resposta a enunciados anteriores e espera que seu próprio ato também evoque uma resposta. Uma das características fundamentais da leitura não linear por meio de conexões é o aumento da participação ativa do leitor, pois é ele quem define a organização dos textos que lê. Com esse conceito, visamos ainda a estudar as diferenças acarretadas nas manifestações dialógicas das reportagens pelo fenômeno do hipertexto.

Sabe-se que o público-alvo da revista *Superinteressante* é formado por pessoas jovens, ou seja, com as mesmas características dos usuários mais assíduos do meio digital. Segundo Bakhtin (2003, p.303), vê-se uma

[...] excepcional diferenciação dos gêneros do discurso e dos respectivos estilos em função do título, da categoria, da patente, do peso da fortuna e do peso social, da idade do destinatário e da respectiva posição do próprio falante (ou de quem escreve).

Assim, partimos da hipótese de as características dos leitores terem estimulado tais influências hipertextuais na revista. É importante ressaltar ainda que, sem desconsiderarmos as informações sobre os leitores empíricos, são os leitores presumidos pelos enunciados de *Superinteressante* que nos interessam.

Para se chegar às respostas dos problemas acima propostos, um *corpus* específico foi selecionado e engloba reportagens de capa de seis revistas impressas, sendo três anteriores à grande disseminação da internet, em 1995, e três recentes. O gênero escolhido foi a reportagem, por ela trazer recursos inovadores provenientes da estrutura hipertextual, mas sem descartar as ferramentas tradicionais de escrita, criando uma nova construção de texto bastante rica para as análises dialógicas. Com base nesses critérios, foram selecionados os seguintes textos:

- 1) Edição 31 (abril de 1990) – Reportagem de capa: “O mundo de cada um”;
- 2) Edição 44 (maio de 1991) – Reportagem de capa: “Boas novas para o coração”;
- 3) Edição 49 (outubro de 1991) – Reportagem de capa “Dez anos para decifrar o cérebro”;
- 4) Edição 196 (janeiro de 2004) – Reportagem de capa: “Medicina alternativa”;
- 5) Edição 218 (outubro de 2005) – Reportagem de capa: “O fim do mundo começou”;
- 6) Edição 222 (janeiro de 2006) – Reportagem de capa: “A ciência de viver bem”.

Círculo de Bakhtin, o dialogismo e o enunciado

Esta pesquisa se desenvolve com um especial enfoque nas teorias do Círculo de Bakhtin, ou seja, nos aspectos sociais e dialógicos da comunicação humana. Segundo as noções defendidas pelo Círculo, “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”, pois, ao mesmo tempo que é uma resposta a enunciados produzidos anteriormente, espera-se que haja respostas a sua produção, de forma que “[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante [...]” (BAKHTIN, 2003, p.272).

Faraco (2006) atenta para o modo como o termo *diálogo* deve ser entendido nas teorias do Círculo, pois, muitas vezes, vê-se diálogo como sinônimo de consenso. Tal constatação foge às definições dos estudiosos russos, cuja acepção se dá no sentido de “tensão de enunciados”, que podem ser consonantes, mas também multissonantes ou ainda dissonantes.

Para tal enfoque é essencial a apresentação do produto de qualquer interação e o nosso objeto de estudo: o enunciado. Esse termo refere-se àquilo que é criado durante o processo dialógico da comunicação e que deve ser entendido e analisado de uma forma não isolada, isto é, segundo suas relações ideológicas, culturais, sociais, etc. e ainda por atos sociais de caráter não verbal, o que torna cada enunciado único, mesmo que aparentemente idêntico a qualquer outro.

O enunciado é um fato real, com autor e destinatário determinados, em contraposição à frase, objeto de estudo gramatical, de acabamento abstrato, que não se dirige a ninguém e não tem criador determinado:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência dialógica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser

participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto. (BAKHTIN, 1993, p. 17).

O enunciado, portanto, é produzido a partir de enunciados anteriores, em forma de resposta, e, ao mesmo tempo, espera novas produções estimuladas pela sua. A linguagem, segundo as noções do Círculo, é um diálogo constante, seja em seus contornos mais óbvios e imediatos, seja em seu caráter mais amplo, do grande diálogo.

Esses enunciados se realizam sempre como “tipos relativamente estáveis” de conteúdo temático, estilo de linguagem e principalmente de construção composicional, originando o que Bakhtin denomina *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2003, p.261). O estudioso ainda subdivide esse conceito em dois outros: gêneros primários (ou cotidianos) e gêneros secundários (ou níveis superiores). Os primeiros referem-se a relações verbais do dia a dia, da situação mais imediata da comunicação, como as conversas informais ou as cartas pessoais; os segundos são os produtos dos sistemas ideológicos constituídos (como a ciência, a religião, as artes, etc.), ou seja, aqueles desenvolvidos e organizados, sendo essas influências fortes sobre aqueles:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas, porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p.262).

Cada esfera possui suas possibilidades de gêneros, ou seja, uma organização textual, estilística e temática encontrada em um texto científico dificilmente aparecerá na esfera artística. Trata-se de uma escolha quase normativa, em que o campo explorado determina os gêneros possíveis de serem produzidos.

Dentre os três elementos constituintes do gênero enumerados por Bakhtin (2003), ressaltamos, em razão dos propósitos de nossa pesquisa, a *construção composicional*. Em “O problema do conteúdo, do material e da forma”, Bakhtin (1993) contrapõe dois conceitos: *formas arquitetônicas* e *formas composicionais*. Para ele, as *formas arquitetônicas* devem ser entendidas como “as formas de existência estética na sua singularidade.” (GRILLO; OLÍMPIO, 2006, p.385), uma visão que se pode ter do mundo. Já a *forma composicional* seria a “realização de uma forma arquitetônica por meio da organização de um material”. Para ilustrar tais conceitos, Bakhtin (1993) enumera como *formas arquitetônicas* o trágico e o cômico, sendo sua *forma composicional* o drama. É interessante notar que, aqui, a definição de *forma composicional* se confunde com a de gênero do discurso (GRILLO; OLÍMPIO, 2006), diferentemente da teorização dada três décadas mais

tarde, em “Os gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003), em que a noção de gênero é construída com base em três elementos: a construção composicional, o conteúdo temático e o estilo, sendo o primeiro aquele colocado em destaque pelo autor.

Com tal conceitualização, pode-se entender a construção composicional como “[...] determinados tipos de construção do conjunto, tipos de acabamento, tipos de relação do falante com outros participantes da comunicação – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc.” (BAKHTIN, 2003, p.266). Tal expressão se refere a certa configuração apresentada pelo enunciado, uma estrutura de “limites absolutamente precisos” que nos faz reconhecer logo nas primeiras palavras o seu gênero.

Ao se desmembrar uma construção composicional, podemos encontrar suas “articulações composicionais”, que são as partes constitutivas dessa organização: os parágrafos, títulos, intertítulos, cenas, atos, capítulos, enfim, as partes de um texto que permitem sua organização e identificação em cada esfera da comunicação humana.

Relações dialógicas e o discurso do outro

Bakhtin (1997), ao analisar o discurso dostoiévskiano, cria uma tipologia dos discursos na prosa. Apesar de tais conceitos se referirem especificamente a obras literárias, pode-se relacioná-las com o texto jornalístico. Assim, o estudioso apresenta três tipos de discurso com suas respectivas subdivisões.

O primeiro tipo (A)¹ seria um discurso que tem um objeto referencial e fala dele objetivamente, de forma a ver só o próprio discurso e seu objeto. O segundo tipo (B) pode ser um discurso direto ou indireto, isto é, há aqui mais de uma voz em um mesmo plano discursivo com um objeto em comum, mas uma das vozes é superior e rege, além de sua visão sobre o objeto, o discurso do outro. Esse tipo de discurso pode se apresentar com um “predomínio da definição sociotípica” (B1) ou com um “predomínio da precisão caracterológico-individual” (B2).

No terceiro tipo (C), há também duas vozes; mas, à diferença do segundo tipo, têm o mesmo “peso” e, por isso, dialogam entre si, seja em concordância ou não. Dentro desse tipo de discurso, podemos encontrar três formas diversas. Na primeira (C1), o autor orienta a voz do outro em um mesmo plano discursivo para suas próprias intenções, havendo, portanto, concordância. Na segunda (C2), há, ao contrário, discordância, isto é, é possível identificar, por maior que seja a redução da concretude de cada voz, duas visões opostas sobre um mesmo objeto. Por fim, tem-se um discurso apresentado “fora dos limites do discurso do autor”

¹ As categorias A, B, B1, B2, C, C1, C2 e C3 não foram assim denominadas pelo autor, tal esquematização foi adotada para mais facilmente se referir a um ou outro tipo de discurso.

(BAKHTIN, 1997, p.195) que, apesar de nele transparecer apenas uma voz, traz consigo uma “sombra” de outro discurso que influencia, mesmo que sutilmente, a formação de sentido de tal enunciado (C3).

Hipertexto

Com os avanços cada vez maiores da tecnologia digital, fica em evidência, nas discussões sobre a linguagem, uma forma específica de leitura: a *hipertextual*.² Tal organização textual se diferencia de outras, principalmente pela não linearidade da leitura, visto que o leitor é quem decide a sequência dos fragmentos a serem lidos. No meio digital, a ligação entre diferentes páginas e textos (os chamados “nós”) se dá por meio de *links* ou nexos, que surgem ao longo da leitura. Braga (2005) traz tais conceitos afirmando que uma organização hipertextual é assim definida segundo dois aspectos: a expectativa de *links* ou relações entre segmentos textuais e uma organização não pré-estabelecida de leitura.

O papel ativo do leitor no diálogo com o texto manifesta-se na possibilidade de ele abandonar uma primeira leitura e avançar sequencialmente por outros textos, podendo inclusive não concluir a leitura de nenhum deles.³ No meio digital, não há uma leitura principal ou hierarquia entre esses “nós”, o autor não tem tanto controle na leitura de seus textos, pois “o texto precisa ser construído de forma complexa, aberta e flexível” (BRAGA, 2005, p.151), diferentemente dos textos impressos, por mais que eles possuam características hipertextuais. Além disso, a internet ainda possibilita relações entre diferentes mídias, não só textuais, mas também vídeos, imagens ou sons, o que denominamos *multissemiose*, “[...] uma novidade fascinante do hipertexto por viabilizar a absorção de diferentes aportes sógnicos numa mesma superfície de leitura.” (XAVIER, 2005, p.175).

No entanto nem sempre a leitura hipertextual é totalmente positiva, pois, como afirma Melo (2005, p.142), a leitura de um hipertexto “exige conhecimentos de várias ordens e uma capacidade significativa de relacionar e associar fatos, dados etc.” Um leitor dessa nova organização textual possui características específicas, escolhe, relaciona, exclui, enfim, participa ativamente. Um leitor sem muita intimidade com o hipertexto pode se perder nas relações sem chegar ao que procurava.

² É importante lembrar que o hipertexto não é exclusivo do meio digital e muito menos surgiu a partir dele, pois tais características já estavam presentes em textos científicos, por exemplo, nas notas de rodapé.

³ Nesse aspecto, pode-se perceber uma noção defendida pelo Círculo que se refere à não conclusibilidade do diálogo, sendo ele infinito.

Apesar de a leitura hipertextual já ter existência muito antes dos atuais avanços da internet, foi exatamente nessa esfera de circulação que ela se expandiu e se reelaborou de forma mais marcante. Por sua vez, tal hiperestrutura vem sendo importada nos mais diversos meios impressos, como é o caso da revista *Superinteressante*. Em suas reportagens, é possível perceber certa quebra na coesão linear do texto, devido à inserção de quadros com textos relacionados, gráficos, ilustrações, esquemas, etc.

Dialogismo, construção composicional e hiperestrutura em reportagens da revista *Superinteressante*

Tomando como base duas edições da revista *Superinteressante* com temas semelhantes, mas distantes no tempo (a primeira de abril de 1990 e a outra de outubro de 2005), foram identificados os seguintes fatores, passíveis de comparação em relação às articulações composicionais e às influências hipertextuais: o uso de infográficos, a presunção de um leitor habituado a textos não lineares e a disposição gráfica dos elementos (textuais e iconográficos) na página.

Na reportagem "O mundo de cada um" (OLIVEIRA; ROCHA; DUARTE, 1990), já há indícios de uma estrutura hipertextual, ainda que embrionária, pois aparecem nela desdobramentos que quebram a linearidade da leitura principal. Tais desdobramentos, no entanto, assemelham-se àqueles encontrados em um jornal cotidiano, pois se trata de fotos ilustrativas e citações de personalidades.



Figura 1 – Edição 31 (abril de 1990) – Reportagem de capa: “O mundo de cada um”.

Fonte: Oliveira, Rocha, e Duarte (1990, p.18-19).

Esses quadros constituídos por citação e foto, distribuídos pelo espaço físico da reportagem, mostram vozes em pé de igualdade, fazendo com que todas as citações dialoguem entre si. Tratando tais quadros segundo os termos bakhtinianos⁴, temos enunciados do tipo C1, pois, apesar de serem discursos de outros, todas as vozes são orientadas para a concordância com o autor, havendo limites precisos entre a voz do autor e as vozes das personalidades citadas. Tal recurso é usado para que o autor possa, segundo Bakhtin (1997, p.193), incluir “no seu plano o discurso do outro voltado para suas próprias intenções”. Dessa forma, o autor, ou “estilizador” no caso, consegue um apoio para sua enunciação sem subjetivar o tratamento do assunto, afinal, como são muitas vozes mutuamente se afirmando, tem-se um efeito de objetividade do discurso. Para tal efeito é importante que se mantenha a forma da enunciação do outro, ou seja, que as citações sejam em discurso direto delimitado por aspas. Vale lembrar que, em todas as reportagens, o discurso do outro, ao ser recortado de seu contexto original para ser colocado em outro, ganha nova significação. No entanto é somente nessa reportagem que as enunciações são apresentadas com certa distância da voz do autor, pois estão separadas em quadros independentes do texto principal da reportagem. Esse fator acarreta maior autonomia das vozes, tornando a informação e o seu ponto de vista mais autônomos.

Além dos infográficos, há somente um quadro explicativo (*Dinheiro no lixo*) que poderia afetar a linearidade do texto, mas se encontra na última página da reportagem, de forma que a composição prevê a sua leitura após a do texto principal. É possível se observar uma ferramenta parecida com o funcionamento do *link*, trata-se de um direcionamento entre parênteses para o quadro explicativo: “(veja quadro)”. Assim como no ambiente digital, tal recurso presume um leitor com liberdade de escolha quanto à leitura ou não do quadro naquele momento, o que interromperia a sequência linear estabelecida pelo texto principal.

Já no texto “O fim do mundo começou” (KENSKI, 2005), os desdobramentos estão muito mais presentes e de forma muito mais abrangente, pois não são somente ilustrativos, como na reportagem anteriormente citada, mas recursos que auxiliam explicações científicas mencionadas no texto principal. Constantemente quadros, que mesclam gráficos, imagens e texto, quebram a linearidade da leitura, ocupando páginas inteiras no meio da reportagem. Dessa forma, o texto principal perde um pouco de sua coesão, mas prevê um auxílio para a compreensão do leitor.

⁴ Vide Bakhtin (1997).

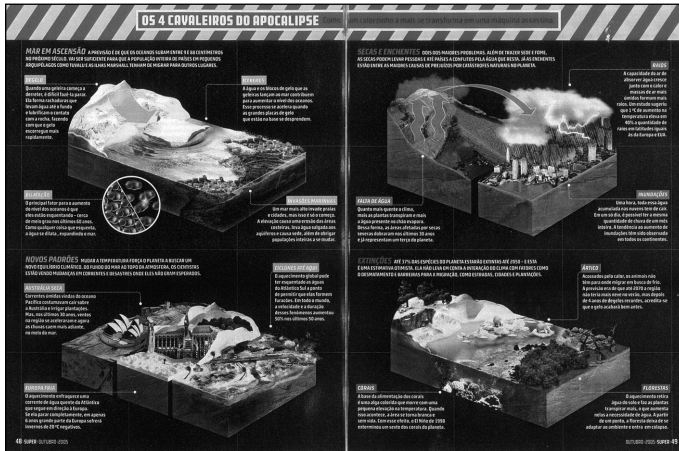


Figura 2 – “Os 4 cavaleiros do Apocalipse”. Edição 218 (outubro de 2005) – Reportagem de capa: “O fim do mundo começou”.

Fonte: Kenski (2005, p. 48-49).

O recurso de direcionamento presente na revista de abril de 1990 é aqui encontrado não somente em uma ocasião, mas em vários momentos, fazendo com que o texto tenha sua coesão prejudicada devido às inúmeras quebras de raciocínio. Ainda nos debruçando sobre esse aspecto, nota-se que tais “links” não mais ocorrem de forma sutil, entre parênteses, mas agora surgem em alguns momentos no corpo do texto, incorporados à ideia do texto principal:

Impossível afirmar isso com o pouco que sabemos sobre clima. Mas uma coisa é certa: furacões só acontecem quando as águas dos oceanos ficam quentes demais – e o mundo está cada vez mais quente, como você pode ver no mapa abaixo. (KENSKI, 2005, p.44, grifo nosso).

O efeito estufa é o fruto da ação de vários gases – como dióxido de carbono, metano, óxido nitroso e até vapor de água – e o seu resultado é preservar um pouco de calor na Terra e permitir que o nosso planeta se mantenha com essa temperatura confortável (veja o infográfico na página 46). (KENSKI, 2005, p.50, grifo nosso).

Em teoria, o mundo já tem quase todas as técnicas de que ele precisa para amenizar o problema, mas colocá-las em prática está longe de ser simples (veja o infográfico na página 52). (KENSKI, 2005, p.54, grifo nosso).

Mas esse não é o único caso de semelhança com os links digitais. No quadro “Mundo difícil”, em que se explicam os fenômenos que interferem no aquecimento global, há uma numeração ao longo de cada explicação, de modo que cada número remete a um local do esquema que representa tais fenômenos.

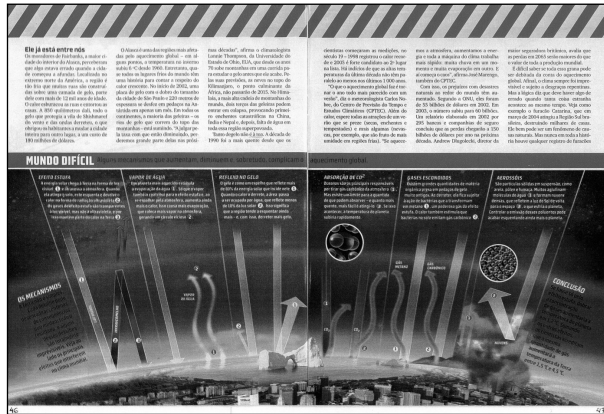


Figura 3 – “Mundo difícil”. Edição 218 (outubro de 2005) – Reportagem de capa: “O fim do mundo começou”.

Fonte: Kenski (2005, p.46-47).

Aqui não há um direcionamento tão explícito, como ocorre no texto principal, mas seu funcionamento é o mesmo. Algo semelhante acontece no infográfico das páginas 48 e 49 intitulado “Os 4 cavaleiros do apocalipse”, pois cada explicação surge a partir de uma parte da imagem de forma parecida com o que ocorre em uma explicação virtual em que o leitor, com o *mouse*, seleciona uma parte da figura que deseja explorar, de onde surge, então, uma explicação a respeito.

Por fim, esse mesmo recurso ganha uma nova face no próximo quadro: “Tá quente, Brasil!” (p.51), em que se tem um mapa do país dividido por regiões, cada uma com uma cor diferente.



Figura 4 – “Tá quente, Brasil!”. Edição 218 (outubro de 2005) – Reportagem de capa: “O fim do mundo começou”.

Fonte: Kenski (2005, p.50-51).

Abaixo, há oito fotos conectadas a oito pequenos textos das cinco cores encontradas no mapa, de modo que, pelas cores, o leitor associa cada fenômeno e foto a uma dada região. Por exemplo, a região sudeste é representada pela cor laranja, na qual se inserem dois dos textos sobre essa região. Essa utilização do infográfico funciona semelhantemente ao *link*, de forma que cada região do mapa leva a textos a ela correspondentes.

Contudo as outras revistas atuais não apresentam esses mecanismos de forma tão intensa quanto a revista de outubro de 2005. Na edição de 2004, “Medicina Alternativa”, há apenas uma quebra brusca na linearidade, trata-se de uma tabela que explica cada técnica alternativa e apresenta a visão da ciência ortodoxa.

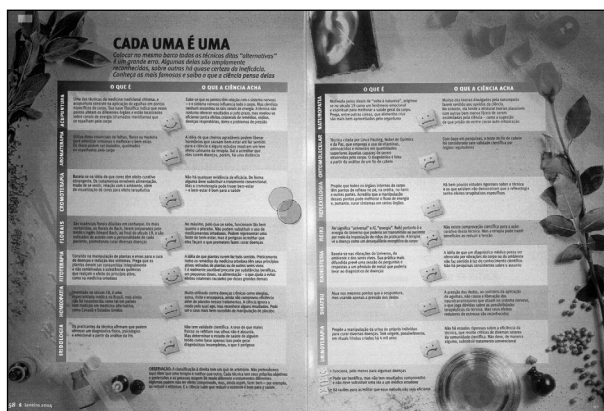


Figura 5 – Edição 196 (janeiro de 2004) – Reportagem de capa: “Medicina alternativa”.

Fonte: Soalheiro (2004, p.58-59).

Essa tabela foi construída também com o auxílio da multissemiose, pois três tipos de representações informam o grau de aceitação de cada técnica pela medicina tradicional: a representação de um rosto sorrindo indica a concordância das duas vozes (medicina tradicional e a alternativa); um rosto com a boca reta, a concessão de alguns fatores para uma concordância parcial; e uma feição triste, a discordância completa entre essas duas vozes. Esse quadro prevê um leitor com liberdade para selecionar as técnicas que deseja ler e a ordem com que quer fazê-lo, assemelhando-se à não linearidade presente nos hipertextos.

Tal característica hipertextual é claramente visível na reportagem “A ciência de viver bem” (SGARIONI, 2006). Esse texto articula-se em nove partes. Seu lide é claramente uma introdução ao assunto de saúde física e mental a ser tratado adiante, articulação que faz sentido apenas se lida no início da reportagem. Imediatamente, seguem-se sete partes numeradas e com títulos, que trazem sete dicas para se viver bem. Para uma análise hipertextual, essas partes são muito

ricas, pois, apesar de terem uma ordem física na revista e serem numeradas, a leitura pode flutuar entre essas articulações composicionais sem prejudicar o entendimento global, isto é, é possível seguir a ordem 7, 4, 1, 6, 3, 2, 5 ou qualquer outra ordem entre esses textos, sem que o sentido final seja bruscamente alterado, presumindo um leitor com liberdade para escolher a ordem. Por fim, tem-se uma articulação composicional intitulada “Não leve nada disso tão a sério”, que deve ser lida apenas ao fim da reportagem, pois configura uma conclusão do assunto global.

Ainda nessa reportagem de 2006, pode-se perceber outro fenômeno: a quebra da linearidade por publicidade. Após o item um da reportagem, seguem-se quatro páginas de propagandas, para só depois se encontrar a continuidade do texto. Esse tipo de utilização publicitária manifesta-se de forma semelhante em outros meios de comunicação, como nos programas de televisão: da mesma maneira que a publicidade na revista não se apresenta mais somente entre as reportagens, mas durante o seu desenvolvimento, as propagandas não são apresentadas somente nos comerciais, mas, também, ao longo dos programas, como nas telenovelas em que, por exemplo, uma personagem pode usar algum produto enquanto atua no enredo.

Como se pôde observar, essa leitura não linear já tinha origem em reportagens anteriores à disseminação da internet. Na revista de outubro de 1991, há apenas duas ocorrências significativas nesse sentido, pois ocorrem dois quadros não pertencentes à leitura principal – “A estrutura mais complexa do universo” e “O atalho das emoções” (OLIVEIRA, 1991) –, que são direcionados pelo texto principal com inscrições entre parênteses e em destaque: “(veja quadro)” e “(quadro)”.

A estrutura mais complexa do universo
O que se sabe sobre o emaranhado de 100 bilhões de células do cérebro humano

O atalho das emoções
Como o cérebro processa informações e toma decisões

A estrutura mais complexa do universo
A estrutura mais complexa do universo

Figura 6 – “A estrutura mais complexa do universo”. Edição 49 (outubro de 1991) – Reportagem de capa “Dez anos para decifrar o cérebro”.

Fonte: Oliveira (1991, p.24-25).



Figura 7 – “O atalho das emoções”. Edição 49 (outubro de 1991) – Reportagem de capa “Dez anos para decifrar o cérebro”.

Fonte: Oliveira (1991, p.28-29).

Na revista de maio de 1991, cuja reportagem de capa é “Boas novas para o coração”, a única ocorrência potencialmente significativa não traz maiores consequências para a linearidade, pois o quadro se encontra na última página da reportagem e seu *link* se dá somente em uma das últimas linhas da reportagem: “(veja quadro)”.

Analisando-se os quadros encontrados no *corpus*, podem-se distinguir três nexos hipertextuais, estabelecendo relações dialógicas diversas.

Quadro adicional

Os quadros adicionais consistem em trazer curiosidades sobre o tema e aspectos discutidos dentro do assunto mais amplo, que engloba aquele apresentado no texto principal. Foi o tipo de articulação composicional presente na maior parte dos textos do *corpus*. É encontrado no fim das reportagens sendo, portanto, aquele quadro que menos afeta a linearidade do texto principal, como veremos adiante.

Seguindo-se a tipologia apresentada em “O discurso em Dostoiévski” (BAKHTIN, 1997), podem-se relacionar os quadros adicionais com o discurso do tipo (C3), que indica aquela enunciação que o discurso do outro influencia de fora para dentro, pois não se encontra no mesmo plano discursivo, mas nem por isso se deixa de reconhecer a voz do outro. Nessa forma de enunciar

[...] a palavra do outro permanece fora dos limites do discurso do autor, mas este discurso a leva em conta e a ela se refere. Aqui a palavra do outro não se reproduz sem nova interpretação, mas age, influi e de um modo ou de outro determina a palavra do autor, permanecendo ela mesma fora desta. (BAKHTIN, 1997, p.195-196).

Na edição de outubro de 2005, a articulação composicional “Tá quente, Brasil!” (ver Figura 4) refere-se ao tema global dos problemas ambientais discutidos ao longo de toda a reportagem, mas enfocando agora a repercussão desses fatores no Brasil.

Nesse quadro, pode-se fazer a seguinte leitura dialógica: cada pequeno texto nele apresentado mostra as consequências do aquecimento global nas diferentes regiões do Brasil, mas todo o discurso da reportagem principal, que trata de poluição, catástrofes, repercussões internacionais dos problemas ambientais e até de conspirações, permanece em mente ainda durante a leitura do quadro. Assim podemos analisar o enunciado do infográfico como um primeiro discurso e toda outra reportagem e outros quadros também, como uma segunda voz que influencia essa leitura mais imediata. Dessa forma, o leitor presumido não deve considerar duas vozes em separado, mas deve uni-las na formação de um único sentido. Por exemplo, pode-se pensar que tais mudanças climáticas tenham um efeito semelhante em âmbito mundial. Essa ideia só é possível mediante o diálogo entre as vozes da reportagem e do quadro, unindo-se a ideia de problemas ambientais em todo o mundo (texto principal da reportagem) com as informações específicas do Brasil (infográfico).

No texto de outubro de 1991, o quadro traz uma descoberta sobre o mecanismo da emoção no corpo humano, o que remete parcialmente às questões neurológicas anteriormente apresentadas. Quando se lê o quadro “O atalho das emoções” (OLIVEIRA, 1991), têm-se, como “sombra”, os assuntos mais amplos discutidos no corpo da reportagem. Assim, unindo-se as duas vozes aqui citadas, cria-se a ideia de que as descobertas que se seguirão serão semelhantes àquela sobre a emoção ter seu funcionamento em regiões do corpo humano que não se limitam ao hipocampo no cérebro. Novamente tal leitura só se faz possível com o confronto dialógico desses dois enunciados, sendo praticamente impossível na leitura independente dos dois textos.

Na edição de maio de 1991 (OLIVEIRA; PRADO, 1991) o quadro adicional traz informações sobre os problemas cardiológicos nas mulheres, afastando-se um pouco dos aspectos tecnológicos na medicina trazidos ao longo da reportagem.



Figura 8 – “Inimigos por todos os lados”. Edição 44 (maio de 1991) – Reportagem de capa: “Boas novas para o coração”.
Fonte: Oliveira e Prado (1991, p.24-25).

Entretanto é possível, novamente, fazer uma união dialógica entre essas duas vozes, pois os avanços nas pesquisas realizadas e relatadas no quadro “Inimigos por todos os lados” (OLIVEIRA; PRADO, 1991) atestam o fato de que as novas tecnologias desenvolvidas para o tratamento de doenças cardíológicas podem trazer cada vez mais conforto para quem sofre desse tipo de problema. São dois enunciados que concordam um com o outro mediante uma relação dialógica hipertextual.

Por fim, na edição de abril de 1990, o quadro adicional traz os materiais recicláveis que são comumente encontrados no lixo e que poderiam ser revertidos em dinheiro, o que é uma abordagem bastante específica, se analisada em relação ao tema central da reportagem: Pequenas ações que afetam o Meio Ambiente.



Figura 9 – Pequenas ações que afetam o meio ambiente. Edição 31 (abril de 1990) – Reportagem de capa: “O mundo de cada um”.
Fonte: Oliveira, Rocha e Duarte (1990, p. 22-23).

Contudo o quadro sobre as vantagens econômicas da reciclagem do lixo em um projeto específico ganha um sentido adicional quando, depois da leitura da reportagem, têm-se claras as vantagens também ambientais da reciclagem. Mas os dois discursos não se confrontam diretamente, a concordância entre ambos é feita por meio da proximidade de leitura de ambos e da memória da reportagem ao se ler o quadro, trabalhadas pelo dialogismo de forma não verbal.

Cabe aqui lembrar que todos os quadros adicionais não são assinados. Normalmente, no processo editorial jornalístico, esses elementos têm uma autoria diversa da do texto principal. A diferenciação por cores do texto faz com que tenhamos a impressão de uma voz outra em concordância, o que dá autonomia à ideia central que se quer passar.

Nota-se que tal tipo de quadro foi muito mais utilizado em reportagens anteriores a 1995, principalmente pelo fato de não quebrarem tanto a linearidade do texto principal e, ainda assim, trazerem uma curiosidade (o que é uma proposta da revista *Superinteressante*). Na única ocorrência em textos recentes, o quadro não aparece no fim do texto, mas no meio dele, evidenciando a leitura hipertextual recentemente adotada pela revista.

Quadro complementar

Os quadros complementares são semelhantes aos adicionais, por apresentarem tópicos que apenas tangenciam o tema principal. Diferenciam-se deles, porém, por apresentarem informações necessárias à compreensão efetiva da reportagem, sem que ocorram no corpo do texto, o que caracterizaria fuga do tema central.

Foram encontrados especificamente após o início do desenvolvimento das reportagens, sendo aqueles que mais quebram a linearidade do texto principal. Nos quadros complementares, há, como nos adicionais, uma relação dialógica do tipo C3, porém a caracterização de discurso do outro se modifica. Nos quadros adicionais, a reportagem como um todo é o enunciado do outro que influencia a leitura do quadro. Nos quadros complementares, a situação se inverte, pois os quadros são construídos para que sejam “a segunda voz” na leitura do texto principal. Essa relação se faz a fim de que possíveis dificuldades de conhecimento básico sobre o tema sejam sanadas.

Um dos casos desse quadro no *corpus* da pesquisa é aquele intitulado “A estrutura mais complexa do universo” (ver Figura 6). Como a reportagem trata de avanços, descobertas e expectativas quanto ao cérebro, o leitor presumido da divulgação científica precisaria ter um conhecimento básico desse órgão. Caso

não o tenha, o quadro dessa edição de outubro de 1991 se encarrega de sanar tal dificuldade. Assim, as informações do quadro auxiliam na compreensão do texto principal da reportagem.

Entretanto nota-se que esse tipo de quadro é muito mais utilizado atualmente, como se vê na edição de outubro de 2005, em que três dos cinco quadros da reportagem estabelecem tal relação. A primeira articulação composicional dessa reportagem, de nome “O começo do fim” (KENSKI, 2005, p.44-54), traz informações recentes sobre as catástrofes ambientais, a fim de que o leitor tenha tal enunciado em mente enquanto estiver lendo a reportagem.



Figura 10 – “O começo do fim”. Edição 218 (outubro de 2005) – Reportagem de capa: “O fim do mundo começou”.

Fonte: Kenski (2005, p.44-45).

Esse recurso tem como efeito reforçar que a ação humana é a responsável pelos problemas ambientais que vivemos hoje. Mais adiante, no quadro “Mundo difícil” (ver Figura 3), há uma breve explicação de mecanismos que serão apenas citados ou aludidos no corpo do texto principal, fazendo-se necessário o conhecimento desses fenômenos.

Por fim, nas páginas seguintes, o quadro “Os quatro cavaleiros do Apocalipse” (ver Figura 2) apresenta o mesmo objetivo do anterior, com a diferença de que agora não se trata dos fenômenos em si, mas de suas consequências, já que a reportagem, devido a seus objetivos e ao espaço que lhe é imposto, dá conta apenas de alguns resultados catastróficos da ação humana sobre o meio ambiente. Alguns deles, não abordados no texto, são expostos nesse quadro.

Quadro conclusivo

Esse tipo de quadro foi somente verificado em reportagens atuais. São articulações composicionais que reúnem informações principais de toda a reportagem e apresentam uma conclusão, de forma esquemática, prioritariamente em tabelas, para que haja uma melhor comparação dos fatores apresentados. Os quadros conclusivos surgem no fim da reportagem ou pouco antes do fim, de modo que o leitor já tenha informações suficientes para analisar o tema e acompanhar as conclusões.

É possível se referir a esses quadros como discursos do tipo C2, pois há aqui múltiplas vozes que dialogam abertamente, concordando ou não, isto é, seria possível extrair desses “resumos” vozes diferentes que estabelecem relações umas com as outras.

No *corpus* da pesquisa foram encontrados dois casos de quadros conclusivos. Um deles está nas páginas 58 e 59 da edição de janeiro de 2004 (ver Figura 5), em que várias técnicas alternativas de tratamento discutidas na reportagem são colocadas em forma de tabela com uma pequena explicação sobre a técnica e com um juízo de eficiência segundo a medicina tradicional.

Nele confrontam-se claramente duas vozes: a da medicina alternativa e a da medicina tradicional. Em cada caso analisado pela reportagem, elas se tornam dissonantes ou consonantes. Por exemplo, no caso da acupuntura, ambas as ciências concordam com efeito benéfico que ela produz, mas, no caso da cromoterapia, a medicina alternativa atesta para o poder de cura mediante a exposição a cores, enquanto a medicina tradicional não atesta a eficácia do método. A condição de concordância ou discordância é ainda alimentada pela imagem de um rosto feliz ou triste entre as duas vozes.

O outro caso está na página 52 da reportagem de outubro de 2005, em que cada solução para o problema discutido na reportagem é analisada segundo suas dificuldades de implantação e medidas necessárias, para que o objetivo seja alcançado.



Figura 11 – “Árdua solução”. Edição 218 (outubro de 2005) – Reportagem de capa: “O fim do mundo começou”.

Fonte: Kenski (2005, p.52-53).

Aqui se pode considerar a solução como uma voz, o obstáculo, uma voz contrária à primeira, e ainda uma terceira voz: “Para atingir o objetivo, seria preciso...” (KENSKI, 2005, p.52), que procura conciliar as duas primeiras.

É importante ressaltar que, por se tratarem de um resumo ou conclusão, esses quadros reúnem, de forma esquemática, as vozes que estiveram presentes no todo da reportagem, havendo, assim, também uma relação do tipo C3, em que a reportagem completa se torna um discurso outro à leitura do quadro, sendo apenas aludido dialogicamente, sem referências textuais.

Com isso, procuramos evidenciar que as vestidas recentes fazem uso de todos os tipos de quadros. Nas reportagens mais antigas, prevalecem os quadros adicionais, o que mantém a coesão do texto principal. Esses recursos, mais recorrentes nas reportagens posteriores a 1995, mostram que a expansão da internet pode ter sido um fator determinante na mudança da construção composicional das reportagens da revista *Superinteressante* para textos cada vez mais dinâmicos, prevendo um leitor habituado e desejoso a efetuar um percurso próprio.

Cada infográfico traz consigo uma relação dialógica com efeito determinante na leitura da reportagem como um todo. Pode-se, então, inferir que as relações hipertextuais simuladas nos textos da revista acarretam relações dialógicas, modificando decisivamente a forma de leitura e suas consequências cognitivas, pois se ampliam as possibilidades de relações a serem feitas e de compreensão possíveis. A simulação da hipertextualidade empreendida pelo autor coletivo das reportagens (editor de arte, autor do texto principal, autores dos boxes, etc.) prevê um interlocutor habituado a traçar um caminho pessoal e não linear de leitura.

Considerações finais

Diante da análise aqui exposta, pôde-se observar a ocorrência de uma composição hipertextual nas reportagens mais recentes, e que as possibilidades de leituras oferecidas pelos textos preveem o leitor mais participativo, de forma a evidenciar a dimensão dialógica defendida pelo Círculo de Bakhtin. Cabe ressaltar que alguns desses recursos já se mostravam de forma embrionária nas reportagens anteriores a 1995, mas foram utilizados com maior desenvoltura após a grande disseminação da internet. Assim, inferimos que houve influência da leitura virtual, primordialmente hipertextual, no gênero reportagem tradicional e impresso. Esses recursos, comumente associados à internet, foram possibilitados nas revistas impressas pelo perfil do interlocutor presumido, pois os leitores da revista *Superinteressante* são majoritariamente jovens, grupo que mantém o maior contato com as esferas digitais.

Verificou-se que, nas reportagens anteriores a 1995, os textos são lineares com pouco uso de quadros e infográficos, sendo o quadro adicional aquele predominante no período, lembrando que ele é o que menos quebra a linearidade do texto principal. No segundo momento, observou-se um grande uso de quadros e infográficos de todos os tipos, promovendo quebras bruscas na leitura, tornando-a mais fragmentada e sem ordenação pré-determinada. Cabe chamar a atenção para o surgimento dos quadros conclusivos, pois eles correspondem à formação de um diálogo expresso na reportagem em que as vozes são facilmente delimitadas.

Evidenciou-se que cada quadro utilizado nas reportagens estabelece, além da relação hipertextual já enumerada, uma relação dialógica, isto é, a hiperestrutura adotada nas últimas revistas criou novas condições dialógicas, alterando o modo de leitura desses textos e criando não somente sentidos verbalmente expressos, mas também uniões dialógicas de sentido. Assim, os infográficos podem ser classificados segundo suas relações dialógicas da seguinte forma:

- **Quadro adicional:** cujo tema acrescenta dados exteriores ao texto, sendo a voz do outro perfeitamente delimitada, e o texto principal uma forte influência para sua leitura.
- **Quadro complementar:** possui temas relacionados ao texto. É o que mais quebra a linearidade e tem relação dialógica semelhante ao adicional, mas aqui são os quadros que influenciam a leitura do texto principal, e não o contrário.
- **Quadro conclusivo:** está presente somente em reportagens atuais, sendo o que menos quebra a linearidade e o que relaciona mais vozes em diálogo.

GRILLO, S. V. C.; MACEDO, C. C. Dialogism and Compositional Structure in articles from *Superinteressante* magazine. *Alfa*, São Paulo, v.54, n.1, p.59-80, 2010.

- **ABSTRACT:** *Based on the contributions of the Bakhtin Circle, this paper investigates the influence of the digital hypertext features on printed texts by analyzing the potential reader role in that relation and the novel reading forms. To gather answers to the task, six articles from Superinteressante magazine were analyzed: three recent ones and three published before the Internet boom, in 1995. Confirming the dialogic factor defended by the Circle, the results show that the hypertext structure of the recent articles, on offering multiple reading possibilities, invites for a more participative reader. Although general hypertext features were, in a way, present in the early articles, Internet-based hypertext features were made explicit in printed magazines due to the ever-growing, recurrent contact between the potential readers (mostly teenagers) and the digital media. Those Internet-based hypertext features were spotted in three types of text boxes: additional, complementary, and conclusive text boxes.*
- **KEYWORDS:** *Dialogism. Hypertext. Scientific publishing. Compositional Structure. Discourse analysis.*

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de P. Bezerra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.
- _____. O discurso em Dostoievski. In: _____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução de P. Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. p. 181-275.
- _____. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução de A. F. Bernadini et al. 3. ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993. p. 13-70.
- BRAGA, D. B. A. comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MASCUSCHI, L.; XAVIER, A. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.144-162.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2006.
- GRILLO, S. V. C.; OLÍMPIO, A. M. Gêneros do discurso e ensino. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, n.8, p.379-390, 2006.
- KENSKI, R. O começo do fim. *Superinteressante*, São Paulo, n. 218, p.44-54, out. 2005.
- MELO, C. T. V. A análise do discurso em contraponto à noção de acessibilidade ilimitada da internet. In: MASCUSCHI, L.; XAVIER, A. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.135-143.
- OLIVEIRA, L. H. Dez anos para decifrar o cérebro. *Superinteressante*, São Paulo, n.49, p.22-28, out. 1991.

OLIVEIRA, L. H.; PRADO, R. Boas novas para o coração. *Superinteressante*, São Paulo, n.44, p.18-25, maio 1991.

OLIVEIRA, L. H.; ROCHA, M.; DUARTE, L. G. O mundo de cada um. *Superinteressante*, São Paulo, n.31, p.16-22, abr. 1990.

SGARIONI, M. A ciência de viver bem. *Superinteressante*, São Paulo, n.222, p.48-57, jan. 2006.

SOALHEIRO, B. Medicina Alternativa. *Superinteressante*, São Paulo, n.196, p.52-60, jan. 2004.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MASCUSCHI, L.; XAVIER A. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.170-180.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

CLARK, K.; HOLOQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FERRAZ, F. S. M. *Gêneros da divulgação científica na internet*. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual geral da redação*. 2. ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 1987.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 10 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1982.

SOUZA, G. T. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2002.

TODOROV, T. Prefácio. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de M. E. G. Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 1-21.

VOLOCHINOV, N./BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

Recebido em junho de 2009.

Aprovado em dezembro de 2009.